

REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS
VOL. 06, Nº 1 - 1º SEMESTRE - 2021

ISSN 2448-1793

Nº 01

DOSSIÊ IMAGENS
AUTO/BIOGRÁFICAS
NA HISTÓRIA E NA
PRÁTICA ARTÍSTICA



O VER ATRAVÉS DO VIDRO/OUTRO: A CONVERGÊNCIA ENTRE O DUPLO E A MICRO_TRANSAÇÃO DO CORPO

SEEING THROUGH THE GLASS/OTHER: THE CONVERGENCE BETWEEN O DUPLO E A MICRO_TRANSAÇÃO OF THE BODY

<https://doi.org/10.5281/zenodo.4818348>

Envio: 02/12/2020 ♦ Aceite: 20/02/2021

Bruna Mazzotti



Mestranda em Poéticas Interdisciplinares (PPGAV/EBA/UFRJ); cursa especialização em Ensino de Artes Visuais (Colégio Pedro II); e é licenciada em Artes Visuais (FAARTES/UFAM). Atua na área de Poéticas Visuais com ênfase em: performance arte, instalação, imbricações entre a arte e o sonho, escrita performativa aliada ao Tarô e proposições colaborativas. Integrante do Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas (NuPAA/FAV/UFG/CNPq) na Linha Processos Artísticos do Corpo e da Intimidade.

José Antônio Loures



Artista multimídia, professor de Histórias em Quadrinhos, e produtor cultural. Doutor em Artes pela Universidade de Brasília (PPGAV/UNB). Mestre em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (PPGACV/FAV/UFG). Trabalha na linguagem da arte computacional, histórias em quadrinhos, *webarte*, *fake arte* e *gamearte*. Também pesquisa sobre transhumanismo, jogos de tabuleiro, cibercultura, sexualidade e práticas divinatórias. Membro do Coletivo Interdisciplinar de Pesquisa em Games (CIPEG) e professor de Artes no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia São Paulo (IFSP).

RESUMO

Neste estudo apresentamos reflexões teóricas realizadas sobre nossos trabalhos: *O Duplo* (Bruna Mazzotti e Lucas Mazzotti) e *Micro_transa_ção* (José Loures). Ambos tangenciam o campo do fazer Autobiográfico com as Artes Visuais, por meio de desenhos e fotografias que foram construídas cotidianamente com objetos banais, que posteriormente ganharam relevância. Também abordamos questões referentes ao afeto e o encontro com o outro e com nós mesmos nesse período de isolamento social. Por fim, discutimos como o entrelaçamento de olhares e vivências criam novos significados e potencialidades poéticas.

PALAVRAS-CHAVE: Bruna Mazzotti; José Loures; alteridade; autobiografia; processo criativo.

ABSTRACT

The current study presents theoretical reflections carried out from the artworks: *O Duplo* (Bruna Mazzotti and Lucas Mazzotti) and *Micro_transa_ção* (José Loures). Both touch the Autobiographical field in Visual Arts, through drawings and photography made with daily elements with ordinary objects that posteriorly had their relevance increased. It also approaches matters in what concern affects and the meeting with the other and ourselves in periods of social distance. In addition, it discusses how entwined perspectives and lives create new meanings and poetic potentialities.

KEYWORDS: Bruna Mazzotti; José Loures; alterity; autobiography; creative process.

1 - INTRODUÇÃO

Enquanto trancados em casa durante a atual pandemia de Covid-19 podemos nos deslocar para outras realidades através de livros, filmes, histórias em quadrinhos, jogos digitais e músicas. Contudo, não há como escapar de si mesmo. E, assim, o enfretamento vai ocorrer por mais tardio que pareça. Nesse contexto, surgem os questionamentos sobre nossas escolhas e não escolhas, sobre a nossa produção artística em tempos que as estruturas do mundo colapsam e, principalmente, se a nossa contribuição através da arte é relevante ou apenas uma persistente resistência do ato de existir. De que forma o olhar tangenciado pela realidade que nos perpassa influencia nossa produção e no olhar à produção de outrem? Como refletir sobre a obra que está tão presente, tão aproximada, e que por isso mesmo é difícil de ser visualizada?

Para o artista, tão importante quanto o mostrar é saber o que não mostrar. Escolhas são determinantes para a arte encontrar o outro. Essas convergências e conflitos nos fizeram abrir os olhos para aquilo que estava velado, e muitas vezes oculto: nós mesmos. Por mais que as vivências do artista estejam impregnadas em seu trabalho, em determinado momento o corpo do artista se torna o plano detalhe¹ e transborda para além de técnicas. O cotidiano também ganha novos significados quando tudo o que vemos era considerado banal. Então no mesmo momento que o artista se revela para si e para o outro, o efêmero ganha substância, e os objetos e ambiências triviais de uma residência recebem relevância e sentido, como por exemplo um tijolo de vidro, um celular, um notebook e uma cozinha – componentes das visualidades apresentadas neste artigo.

Assim, trazemos dois trabalhos que são desenvolvidos individualmente ao início e percorrer do isolamento social: "*O Duplo*" e "*Micro_transa_ção*". Utilizamos enquanto estratégia para a discussão uma troca em alteridade, ou seja: repousamos o olhar sobre o trabalho assinado e o trabalho do outro, tendo em vista que é necessário entrar em contato com outrem sem uma intencionalidade narcisista (HAN, 2015) e desenvolver trocas além das superfícies (BAUMAN, 2003), com o objetivo de evitar à redução do outro à estereótipos (HALL, 1997). Os trabalhos *Micro_transa_ção* e *O Duplo* se mostram como experimento nas relações humanas e poéticas de se colocar no lugar do outro. Portanto, a estratégia de refletir sobre algo que está tão presente, tão aproximado e por isso mesmo difícil de gerar visualização e entendimento é adotada através de uma *distância*.

Acreditamos nesse modo de escrita tendo em vista que todo ato criativo libera uma potência da qual é passível de desenvolvimento por outrem (AGAMBEN, 2018). Assim, na díade ver e ser visto, abrimos espaços de sentido dentro-fora de nossas poéticas por via dos diálogos. É desta forma que, agora unidas, nossas vozes se bifurcam para falar individualmente sobre um e outro trabalho; para que assim, adiante, nos encontremos novamente no entrelaçar de sentidos outros, advindos desta escrita.

¹ Quando a câmera cinematográfica se dedica a enquadrar um detalhe do corpo, e do rosto.

2 - O DUPLO

A casa é nosso primeiro canto do mundo, nosso primeiro universo (BACHELARD, 1978). Às vezes, alguns de nossos aposentos recebem valores que não tem nenhuma base objetiva: a morada não diz respeito só ao dia a dia, seguindo o curso de uma narrativa mundana; pois é pelos sonhos e devaneios que ela guarda e revela os tesouros mais antigos (BACHELARD, 1978). Uma das riquezas, aquela da qual motiva esta investigação e a visualidade por entre ela, está na casa que hoje habito, a casa de minha vó, justo na cozinha² (fig. 1):



Figura 1 - Bancada da cozinha. Fonte: Acervo dos autores.

² Importante salientar que levando em conta os estudos bachelardianos, que comparam a fisiologia humana com a topologia, a cozinha é o lugar de transformação alquímica, da transubstanciação do si mesmo.

O ver através do vidro....

Entre o espaço em que se localiza a mesa de jantar e o espaço em que preparamos o alimento, há uma parede-bancada divisória composta por tijolos de vidros. Ela ainda é revestida de azulejos de mármore em seu topo e em uma de suas laterais. Seu outro lado possui sustentação na parede, bem como foi erguida sobre um piso de porcelanato. No sentido vertical da coluna, 5 tijolos; no sentido horizontal da linha, 9 tijolos; totalizando 45 deles. Eu olho para esse rejunte em dois movimentos: para além, onde a outra parte da cozinha se revela e oculta; e ainda para mim mesma, também revelada e ocultada sobre a superfície do vidro – isso porque é translúcida e dada em formas de onda, das quais contorcem tudo o que está por trás e pela frente de sua face. Desejei esse objeto como se precisasse de algo para com ele, para além daquela *divisão no cômodo*.

Os tijolos e os tacos [de vidro] engastados no concreto permitem construir paredes, divisões, abóbadas e tetos translúcidos, tão sólidos como se fossem de pedra. Tais 'transparedes' deixam-se atravessar pela luz que desta forma circula livremente por toda a casa. Mas elas *embaralham* as imagens e *protegem* assim a intimidade de cada cômodo (BAUDRILLARD, 2015, p. 49, *grifo nosso*).

É com esse embaralhar e proteger que pretendo jogar. Lembrei que a porta da cozinha conversa com a presença de um dos tijolos de vidro que foi descartado da construção ora referida, a sobra do empilhamento, colocado lá para "calçar" a porta, ou seja: impedir que ela colida bruscamente em seu fechar por conta do vento. Havia, portanto, a possibilidade de mover aquele bloco e me mover para com ele além da concretude instalada enquanto separadora (instituída pela parede-bancada) e impeditora (do fechar da porta) (fig. 2):



Figura 2 – Bloco de tijolo. Fonte: Acervo dos autores.

Quando esse tijolo foi destituído de sua funcionalidade – leia-se retirado de sua sacralização e utilitarismo – o objeto se abriu: desativado do seu uso anterior, possibilita a felicidade da dimensão de um novo uso, já que agora está desatravancado e revelado enquanto meio puro (AGAMBEN, 2007; 2018).

Em março de 2020, todas as minhas estratégias de vinculação por via de artes participativas corpo a corpo tiveram de ser suspensas para a segurança de todos. Assim, comecei a elaborar outros possíveis dentro dos limites: em maio desse mesmo ano, em decorrência de uma conversa despretensiosa que estava tendo com meu primo, Lucas

Mazzotti³, pedi para que ele tirasse fotografias de mim, ali mesmo onde eu estava, no chão da cozinha trabalhando com o notebook – mas com uma condição: a mediação do tijolo de vidro por entre o espaço entre meu corpo capturado e a objetiva da câmera do celular (fig. 3).



Figura 3 – Bruna Mazzotti e Lucas Mazzotti. O Duplo. Fotografias digitais com intervenção do tijolo de vidro para com a captura. Niterói/RJ, 2020.

Fonte: Acervo dos autores.

³ Lucas Mazzotti tem 21 anos e é licenciando em Matemática pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Assim, as imagens foram restringidas e ampliadas por uma *espontaneidade conduzida*: à medida do posicionamento do tijolo, possibilidades, escolhas, vide ondas translúcidas. A translucidez do vidro é de uma dureza leve: o peso e densidade da matéria é via de fugazes distorções. Dessas ambiguidades, possíveis: superfícies aquosas abismais que conjuram os fantasmas dos mortos e também uma incerteza de mim, o estar e não estar, o desgarrar-se de mim mesma ao mesmo tempo estando.

Como muitas das nomeações que faço, a titulação desse trabalho chega espontaneamente, como se uma voz me soprasse: *O Duplo*. Aqui, não há paradoxo, apenas coexistências: o duplo é *um*, advindo da unção: eu-Lucas com tijolo-celular⁴. É verdade que o vidro possibilita a comunicação acelerada entre o interior e o exterior de um ambiente; mas simultaneamente institui censura invisível que impede que essa comunicação seja feita por completa (BAUDRILLARD, 2015). Assim, são necessárias outras formas de esguichar as águas de seu interior, em trabalhos outros, inclusive, na mesma cozinha (fig. 4):



Figura 4 – Bruna Mazzotti. Captura de tela de Vídeo [provisoriamente sem título]. 7 minutos e 14 segundos. 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=icetPaVJhpg&t=1148s&ab_channel=ProcessoNatimorto>. Acesso em: 20 nov. 2020.

⁴ Isso apenas de maneira inaugural: a duplicidade vem a ser uma unicidade no momento de sua disposição nas mídias sociais e demais veículos de divulgação, onde ela vem a ser *um com outrem*, dupla-ramificada novamente através de olhares outros.

Apesar de serem imagens em movimento, capturar a tela ao acaso tem me chamado mais do que o encadeamento das imagens na filmagem. Ainda assim, tenho alguns pontos sobre o momento do filme: começo pela *desistência*: na imaginação, visualizo e intenciono uma ação, um movimento de um ponto A para o Ponto B; começo a colocar esse movimento no corpo e antes de chegar à metade, desisto; sou continuada pelo *encontro*: o *flow* da água-vidro proporciona incertezas e descontroles visuais que vão para além de mim e me fazem encontrar comigo (fig. 5).

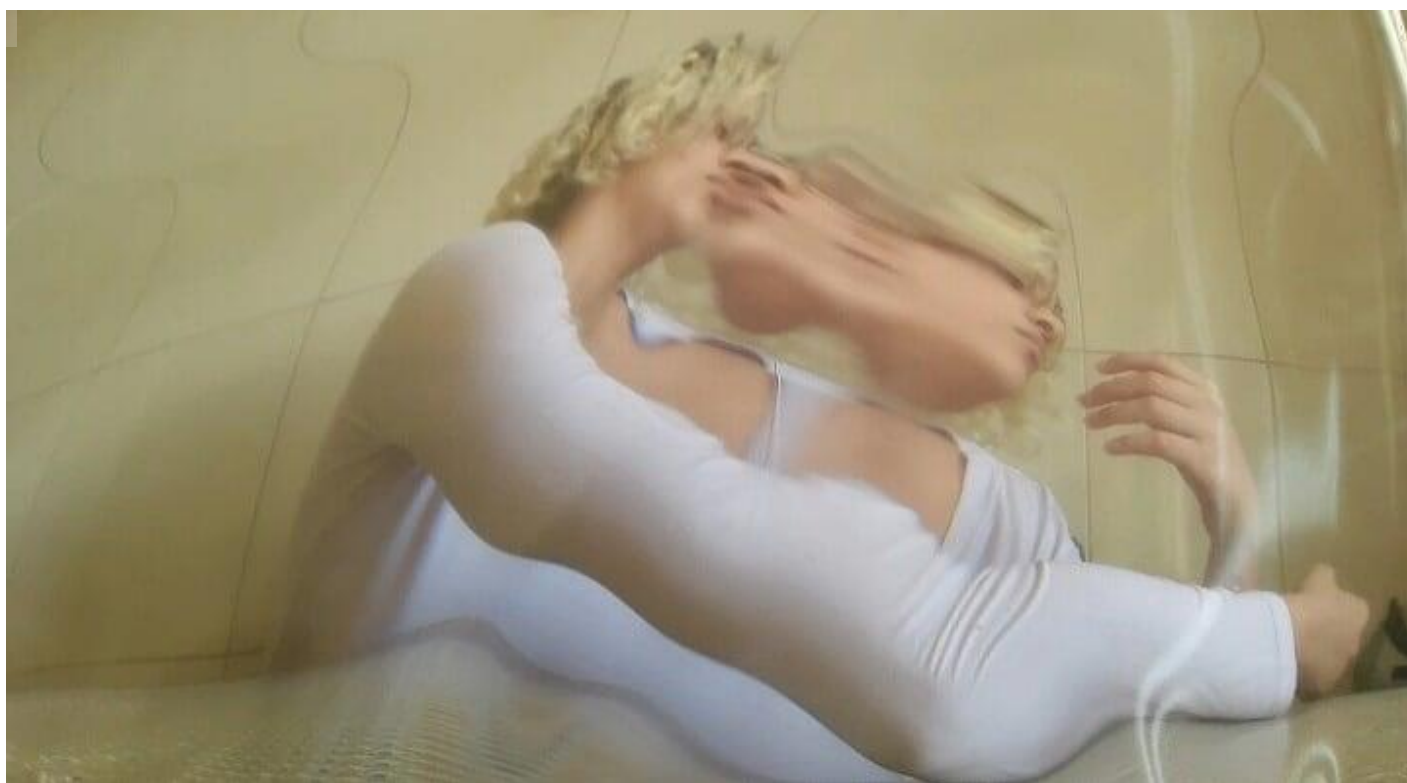


Figura 05 – Bruna Mazzotti. Captura de tela de [provisoriamente sem título] Vídeo. 7 minutos e 14 segundos. 2020. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=icetPaVJhpg&t=1148s&ab_channel=ProcessoNatimorto. Acesso em: 20 nov. 2020.

Tenho em vista que a investigação com esse objeto está pausada: farei uma viagem para morar em casa outra e, assim, intuo que não devo retirar o objeto da casa de minha avó. Dessa forma, não há algo tão frágil quanto a esfera dos meios puros: a nossa sociedade tem caráter episódico, da qual força todas as coisas a retomarem o seu curso (AGAMBEN, 2007), inclusive o tijolo da água fabulada.

2.1 O DUPLO POR JOSÉ LOURES

Doppelganger é uma palavra alemã nascida da união de *doppel* (duplo) e *ganger* (andante), e nomeia uma criatura que permeia diversas culturas. Um ser de características malignas que é uma cópia de um ser humano. Lendas dizem que ver o seu *doppelganger* é sinônimo de mau presságio. Essa criatura transpassa a nossa cultura, como por exemplo o filme *O Homem Duplicado* (2013)⁵, onde o professor universitário Adam Bell (Jake Gyllenhaal) se torna obsessivo a descobrir que o seu duplo é um ator de cinema. E para os entusiastas de filmes de terror da década de 1980, o *doppelganger* é a principal ameaça de um grupo de pesquisadores estadunidenses no filme *O Enigma de Outro Mundo* (1982)⁶ (fig. 6):

⁵ *O Homem Duplicado* (*Enemy*) é um filme de suspense dirigido por Denis Villeneuve e lançado em 2013. O longa é uma adaptação do livro escrito por José Saramago, publicado em 2002.

⁶ *Enigma de Outro Mundo* (*The Thing*) é um filme de terror e ficção científica dirigido por John Carpenter e lançado em 1982. O longa é uma adaptação do conto “*Who Goes There*” escrito por John W. Campbell Jr. e publicado em 1938.



Figura 6 – Pôsteres dos filmes *O Homem Duplicado* e *Enigma de Outro Mundo*.
Fonte: IMDB.

O *Doppelgänger* também é recorrente nas aventuras de RPG⁷, sendo colocado pelo mestre como um desafio bizarro capaz de imitar a forma, voz e até lembranças de qualquer criatura humanoide, inclusive os personagens dos jogadores. E nesse contexto os artistas Bruna Mazzotti e Lucas Mazzotti também nos apresentam um duplo. O mediador para vislumbrarmos o duplo da artista não é um filme, ou um livro de RPG, mas o vidro. Um material translúcido que distorce Mazzotti e a sua realidade. O vidro é o mediador entre nós e Mazzotti, em uma metalinguagem com os reflexos e formas da artista ao observar uma superfície também feita de vidro. Segundo Maturana (2001)

⁷ RPG (*Role-Playing Game*) – jogo de interpretação de papéis em que os jogadores assumem uma narrativa ficcional através da mediação de outro jogador, o mestre. Sendo D&D (*Dungeons & Dragons*) o mais conhecido com seu cenário fantástico povoado com elfos, magos, mortos-vivos, calabouços e dragões.

somos observadores no observar e no suceder do viver cotidiano. Assim, somos convidados a perceber o cotidiano da artista em um cenário deveras comum: uma cozinha. Por um breve instante estamos em contato íntimo com Mazzotti, que segura um notebook (fig. 7):



Figura 7– Bruna Mazzotti e Lucas Mazzotti. *O Duplo*. Fotografias digitais com intervenção do tijolo de vidro para com a captura. Niterói/RJ, 2020.

Fonte: Acervo dos autores.

O corpo da artista simultaneamente em um estado de estar e não estar, como o conhecido gato de Schrödinger⁸. Sendo constantemente transformado, esfacelado e deslocado pelo vidro, em uma condição que pode significar a materialização das ideias de Mazzotti através de seu computador, mas também opressão e cobranças da contemporaneidade. Assistimos a realidade da artista por meio dos nossos próprios vidros, enquanto também a vemos tocar o vidro para a (des)composição de suas ideias. Um cotidiano múltiplo em constante movimento, translúcido, distorcido e ao mesmo tempo reconhecível. Nós somos *voyeur* de Bruna Mazzotti, enquanto nesse exato momento outros, e até mesmo um duplo, nos observa através do toque de seus dedos em seu vidro particular em um quarto escuro (fig. 8):



Figura 8– Bruna Mazzotti e Lucas Mazzotti. *O Duplo*. Fotografias digitais com intervenção do tijolo de vidro para com a captura. Niterói/RJ, 2020.

Fonte: Acervo dos autores.

⁸ Um experimento mental desenvolvido pelo físico Erwin Schrödinger em 1935. Nessa investigação, um mesmo objeto (o gato) se encontra ao mesmo tempo vivo e morto pois o observador não conhece o destino do felino.

Se culturalmente o *doppelganger* é considerado maligno, não podemos atribuir tal julgamento moral para *O Duplo*. Não somos os mesmos de ontem, e não seremos os mesmos no amanhã. Perpassamos por diversas perspectivas em toda a existência. Devido a isso exercemos diversos papéis ao longo da vida, e vários simultaneamente, como por exemplo: o amigo, o amante, o professor e o artista.

Bruna Mazzotti e Lucas Mazzotti, através do uso de objetos comuns e efêmeros, foram responsáveis por apresentar uma realidade íntima, reconhecível, mas por meio do vidro capaz de estimular múltiplos e inusitados olhares sobre uma cozinha. A arte utilizada para ressignificar espaços, tempos, formas, objetos e uma ponte para os sentimentos e anseios dos artistas.

3 - MICRO_TRANSA_ÇÃO

Após um longo relacionamento que se findou, resolvi experimentar os tais aplicativos de namoro que tanto se falavam nos encontros entre amigos. Nesse contexto, o que encontrei foi algo muito mais próximo de um *game* para dispositivos móveis com várias barreiras que tentam abocanhar o dinheiro do usuário masculino, e um local onde o corpo se torna uma moeda de troca. Além disso, percebi como os usuários são obrigados a assumir estereótipos sobre si mesmos, com o objetivo de resumir seus desejos e chamar a atenção do outro, mas ao fazer isso, se perde a complexidade que nos define como seres humanos – temos apenas 3 segundos entre um *like* e *dislike*, não há tempo a se perder. Nesse sentido, estamos vivenciando uma acelerada gamificação das relações humanas e o corpo como moeda. A microtransação se caracteriza pela oferta de um serviço de compra com dinheiro real por itens, facilidades e conteúdos adicionais dentro dos jogos digitais. A indústria dos videogames massificou e validou as microtransações como uma possibilidade de lucros astronômicos. Recentemente a Activision Blizzard anunciou a arrecadação de 1,2 bilhões de dólares entre julho e setembro de 2020 apenas com microtransações (MAKUCH, 2020).

Segundo Maturana (2001) a realidade é um termo que usamos para explicar as nossas experiências. Então durante esse encontro do eu e do banal, uma nova realidade surge mediada por um vidro escuro. Esse vidro que constantemente é tocado como uma lâmpada mágica que um dia irá revelar um gênio capaz de solucionar todos os nossos anseios. Nesse mesmo vidro escorre gordura de nossos dedos como uma necessidade de suprir o contato físico e viscoso com o outro. O vidro, por mais que seja opaco é escuro, com o passar dos dedos e o deslizar da gordura e outros fluídos corporais ao invés de se tornar espesso e insolúvel se torna cada vez mais transparente até se transformar em um espelho.

Desde a infância faço autorretratos, e isso se manteve perene na minha produção na juventude. Na vida adulta o ato de me desenhar ganhou um outro significado, o de repensar minha posição no mundo. Tenho o ritual de desenvolver autorretratos como uma magia de autocura, em um momento de reflexão sobre minhas escolhas e consequências diante a vida. Um período que desfoca o mundo a minha volta, e retorno para mim. Em 2020 o trabalho *Micro_transa_ção* surgiu como uma necessidade de questionar se ainda estamos vivos, e não existências apenas em fotos de perfis em redes sociais e *stories* acerca de momentos do dia-a-dia embalados por músicas e filtros que nos travestem em um sistema de constantes videoclipes.

O trabalho *Micro_transa_ção* se debruça sobre o meu corpo sendo retratado durante 72 dias entre 21 de março a 31 de maio de 2020. Esses 73 autorretratos em desenhos foram concebidos por meio de uma técnica híbrida: fotografia (*selfies*), desenho (papel A3 e nanquim), escâner sujo, finalização em *softwares* de edição de imagem (Photoshop), posteriormente no formato de vídeo (Sony Vegas) e a simulação de um aplicativo de relacionamentos foi feito através do site Wix (fig. 9):

O ver através do vidro....



Figura 9 –*Micro_transa_ção*. Desenho/webarte, 2020. Fonte: Acervo dos autores.

O ver através do vidro....

A atual condição de isolamento social força o olhar para dentro, não há mais festas, nem shows, nem bares para nos anestesiarmos da condição de existir. O processo criativo para o desenvolvimento dos autorretratos veio originalmente de *nudes*⁹. Para Pablo Gobira (2018), a interação entre o humano e os equipamentos de captura de movimento culminam para o questionamento sobre a relação entre o culto da imagem e a saturação da autoimagem na sociedade. Uma sociedade que tem um fetiche pelo corpo enquanto coisa e imagem com similaridades do fetiche pela mercadoria (GOBIRA, 2018). Nas redes sociais somos coisas desprovidas de carne e com o objetivo de instigar emoções sempre positivas no outro. Os problemas do cotidiano e as desesperanças da vida são aspectos que devem ser evitados, nas redes sociais o objetivo é representar uma vida perfeita custe o que custar. Atualmente o sujeito é ao mesmo tempo o explorador e o explorado de si mesmo, em uma sociedade que exige um constante desempenho (HAN, 2015).

Os resultados de colocar o meu corpo em jogo foram dezenas de comentários através do Instagram, rede social escolhida para a divulgação dos autorretratos. Os comentários foram diversos, desde incentivos e elogios a produção dos desenhos, interesse de compra, ofensas e até mesmo assédio. Assim, *Micro_transa_ção* também se apropria dos comentários, os transformando em áudio. Assim, temos uma simulação onde o visitante perpassa o meu corpo com seus dedos enquanto ouve os comentários captados.

As imagens apresentam uma trilha labiríntica sobre o meu corpo enclausurado pela quarentena e que agora somente existe via os limites dos *smartphones*. As polaridades de um processo criativo que evoca começos e fins, afeto, insegurança, tédio, dor, saudade, fome seja na solidão ou nos relacionamentos. O meu corpo dentro de uma caixa que também está dentro de outra caixa perante as esferas espirituais, artísticas, poéticas e carnavais (fig. 10):

⁹ Hábito de enviar e trocar fotos com o corpo parcialmente ou completamente desnudo através de aplicativos e redes sociais com o objetivo de flerte.



Figura 10 – José Loures. Alguns desenhos de *Micro_transa_ção*.
Desenho/webarte, 2020. Fonte: Instagram.

Postar os primeiros desenhos da série *Micro_transa_ção* em minhas redes sociais causaram reações diversas. Alguns levaram os autorretratos como uma piada, outros vislumbraram uma brecha para o flerte, outros incentivaram a produção artística, e alguns poucos se sentiram agredidos e ofendidos. Na adolescência desenhava um corpo feminino sendo sexualizado e nunca houve represália, mas no breve espaço de tempo que representei um corpo masculino isso foi visto como ameaça por alguns. No começo da produção, mesmo sendo heterossexual cis gênero, fui acusado de ser gay com a intenção de ofender. Como se apenas artistas gays pudessem representar o corpo masculino. Assim como também fui vítima de assédio por aqueles que entendiam a exposição do meu corpo como um convite para o sexo.

Micro_transa_ção foi exposto na mostra “Emmeio#12.0”, durante o HUB Eventos Media Lab / BR 2020. O HUB Media Lab / BR 2020 é composto pelos eventos; VII SIIMI - Simpósio Internacional de Inovação em Mídias Interativas; #19.ART - Encontro Internacional de Arte e Tecnologia; 2º. Seminário DAT - Design, Art and Technology; 2º. Seminário Retina.Internacional – SP (fig. 11):



Figura 11 – José Loures. *Micro_transa_ção*. Desenho/webarte, 2020.
Fonte: Exposição EmMeio#12.0.

Acredito que o trabalho tenha sido o resultado poético da minha pesquisa de doutorado sobre sexualidade e videogames, uma mostra de como os papéis de artista e pesquisador convergem em uma produção artística.

3.1 MICRO_TRANSAÇÃO POR BRUNA MAZZOTTI

"Eu tenho um ritual: sempre quando me sinto triste e solitário eu faço um autorretrato. Mas essa é a primeira vez que não funcionou" foi o que José Loures me disse em março de 2020. Ele inicia com a feitura de um único autorretrato, que não surtiu efeitos ritualísticos imediatos como antigamente e, por isso mesmo, veio a insistir em 72 autorretratos outros, feitos até o mês de maio e recentemente inseridos em uma *webarte* por ele já mencionada.

Os dispositivos de realização do desenho-ritual se sucederam em 4 etapas que vão do corpo ao impalpável, do digital ao gesto das mãos. As idas e vindas dos circuitos transitivos são entremeios possíveis de desenvolvimento: na ambiência entre esses lugares, o corpo se desloca mesmo enclausurado (fig. 12):

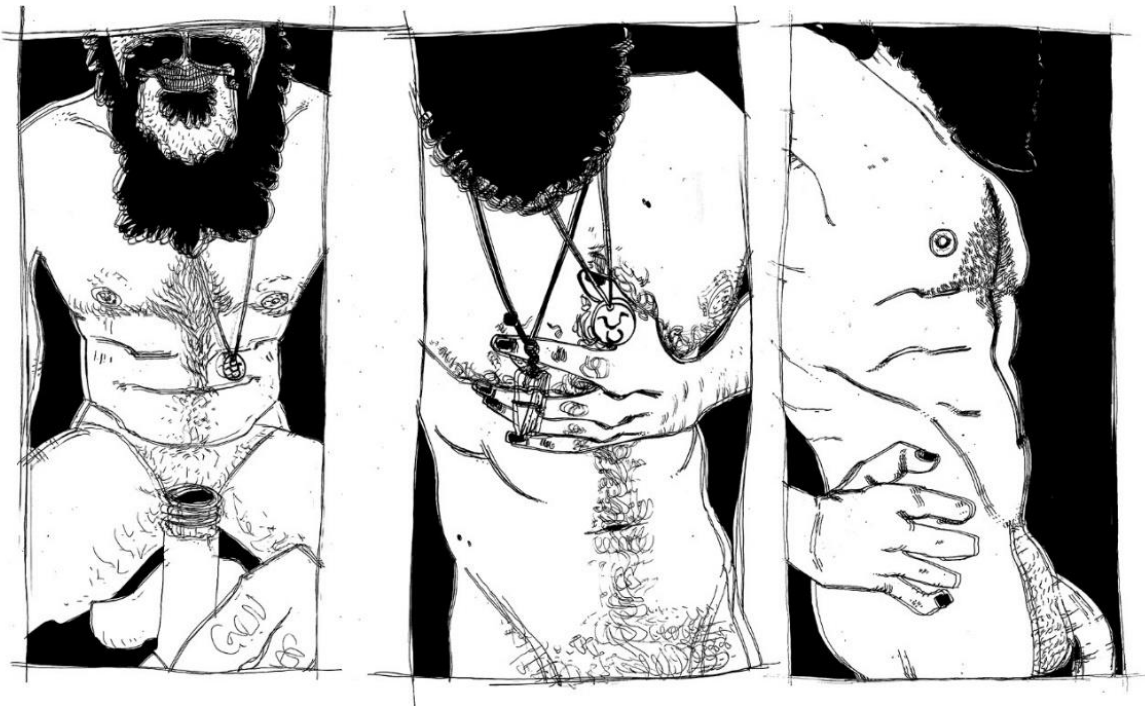


Figura 12 – José Loures. *Micro_transa_ção*. Desenho/webarte, 2020.

Fonte: Acervo dos autores.

Ao ver o conjunto de desenhos dispostos em retângulos verticais, uma das primeiras associações que me saltam é a similitude ao jogo de Tarô: um instrumento projetivo – dada a natureza de suas imagens amplas e ambivalentes de sentido, há espaço para ocorra a transferência de conteúdos psíquicos internos para tal exterior – o baralho de 78 cartas que remete às imagens primordiais, criadas continuamente pelos saberes genealógicos de toda a humanidade (NICHOLS, 2007). Nesse trunfo, o arcano de número 0 é nomeado de O Louco: o mais poderoso de todos, que se detém justamente no limiar entre os mundos, sendo o representante de um fim-começo de uma jornada (NICHOLS, 2007). Ele é genuinamente o vazio, é quem distingue o ciclo completo do ciclo que irá se iniciar: intervalo entre mundos, simboliza o vislumbre de todas as potencialidades que virão (CHEVALIER; GUHEERBRANT, 2009). Vejo que *Micro_transa_ção* também possui sua carta coringa, seu Louco, ou seja, a genuinamente adaptável, número 0 de 72 – aquela da qual não surtiu efeito imediato, mas ainda assim, curiosamente, é o único desenho da série que intitulado, inclusive, de "*Liberte-se*" (fig. 13):



Figura 13– José Loures. "*Liberte-se*" - Série *Micro_transa_ção*. Desenho/webarte, 2020.
Fonte: Acervo dos autores.

Começo a olhar sobre o percurso por, entre e através dessa visualidade primeira, como se regressasse ao dia 23 de março de 2020, data de sua feitura: o fundo branco, expansivo, que já foi celulose da folha A4, agora se apresenta mediado por entre 2 milhões de pixels; é receptivo a contornos pretos, taxativos: antes linhas fracas de lápis sobre papel, hoje se apresentam enquanto delimitadoras do espaço passível de receber códigos, diminuindo o espaço total do A4 e ao mesmo tempo centralizando o desenho do corpo.

É nesse retângulo que a autorrepresentação de José Loures está a gritar: a boca escancarada também conduz aos olhos fechados, sobranceiras franzidas e a rigidez da musculatura do pescoço me é clara através da leitura das linhas agudas paralelas. Um grito silencioso, um grito iniciático – *talvez* sem saber, havia principiado um processo de passagem, inicialmente dolosa: ao banhar-se do fluído parado, ele não se deixa absorver pela profundidade do lago – perante ao abismo aquoso, impera sua verticalidade. Ainda assim, foi de escolha própria desenhar a si mesmo em meio a um lodo abismal: acredito que ele saiba da necessidade vinculativa às coisas densas, desconhecidas e complexas.

Mas essa mesma água impede que qualquer Narciso se prostre diante dela: em sua poluição tamanha, não admite reflexos sob a sua superfície. O mito de Narciso consiste na história de um belo jovem que contempla com prazer o seu próprio reflexo do rio, mas ao se prostrar diante dele, sofre sua queda (CHEVALIER; GUHEERBRANT, 2009). Deve-se ter em mente, porém, que narcisismo não compete somente ao individual. É de grandeza cósmica: o universo inteiro se reflete no espelho d'água – um pequeno gesto é capaz de perturbar as imagens, enquanto o repouso as restitui (BACHELARD, 1997). Por isso vejo essa liquidez imóvel, impenetrada de luz, dormente, enquanto análoga à morte: uma água pesada e suja nunca se tornou leve e límpida, é sempre o inverso (BACHELARD, 1997); ademais, muitas das coisas terminam em preto: da carne decomposta aos dentes cariados (HELLER, 2012).

Nessa perecível decomposição que também é uma iniciação, a fase de morte transmuta as forças negativas, revela e abre acesso à nova vida (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009). Assim, a morte não é antítese da vida: nascer e morrer são polos

de um mesmo lugar (NICHOLS, 2007). Portanto, há uma ambivalência: ele pode estar a entrar ou a sair do lago, nem um, nem outro, essencialmente liminar, ambos.

Nos últimos tempos, tem se defendido o fim do amor, seja por uma tentativa de otimização nas relações ou das multiplicidades de opções; mas principalmente pela erosão do outro e narcisificação do si mesmo: um processo dramático, lento, sorrateiro e pouco perceptível (HAN, 2017). O autor ainda coloca que o sujeito narcísico é aquele que não consegue estabelecer bem os limites entre ele e o outro e, dessa negação da exterioridade, é impossível falar em amor próprio se não se tem amor ao outro, à diferença. No inferno do igual, já não nos encontramos com a assimetria e exterioridade do outro, já não nos encontramos com a experiência erótica: Eros se contrapõe ao fechamento do si mesmo ao arrancar o sujeito em direção ao outro (HAN, 2017).

Assim, na primeira "carta" de *Micro_transa_ção*, a água não admite o reflexo de José Loures, porque subentende que a superfície do desenho na tela de vidro já abarca outro reflexo: a carta não funciona por si só, ela precisa da reverberação da imagem de outrem para ser ativada.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Micro_transa_ção e *O Duplo*: o retângulo e o quadrado; o autorretrato e o retrato. Ambas proposições que precisam da interação externa para acontecerem. Se agora, nesse período pandêmico, temos películas de acrílico nos contatos presenciais; o celular já nos treinava há muito tempo para esse momento: cotidianamente, em festas, reuniões, aulas e demais lugares, as interações presenciais por vezes eram enfraquecidas em detrimento de postagens nas redes sociais, compartilhamento de *stories* e rolagens no *feed* de notícias (BASBAUM, 2020)¹⁰.

¹⁰ A fala de Ricardo Basbaum foi proferida na aula online da Galeria Aymoré em parceria com a Escola sem Sítio, no chamado *Grupo de Estudos* de nº 16: "Em torno do vírus de grupo".

É importante dizer que a escritura deste artigo também foi mediada pelo vidro: reificamos a questão da *distância* ora enunciada na introdução deste texto não só em uma troca vide alteridade, mas também em uma longitude física entre nós. Ademais, é importante ressaltar a percepção de que este estudo foi tangenciado por duas vias: 1) de um lado pelo Tarô, instrumento utilizado em práticas oraculares, a fim de vislumbrar o futuro, e/ou projetivas, ou seja, na convocatória de imagens de dentro vide imagens de fora; ao mesmo tempo em que 2) pela gamificação, quando o corpo presente nas redes sociais e em aplicativos de relacionamento em constante avaliação participam de um voraz jogo competitivo onde o usuário (que está sendo usado) recebe *likes*, coraçãozinhos e o deslizar de dedos desconhecidos para a esquerda ou direita de uma tela. Esses são os temas que perpassam nossas pesquisas individuais e que confluíram na construção de sentido deste trabalho.

Assim como um prisma de vidro consegue separar os espectros da luz, fazendo com que a luz branca seja subdividida em possibilidades outras, a sua função nasce da convergência da luz em um único ponto. Essa perspectiva se altera de acordo com o tempo e espaço em que o observador se encontra com o objeto. Nesse sentido, o experimento realizado nesse artigo funciona como um prisma de vidro, pois as possibilidades se mostram diversas e expansivas. Desde o dia 31 de outubro de 2020 é desenvolvido um trabalho, ainda não titulado, de intervenções de autorretratos outros acima dos desenhos de *Micro_transa_ção*. Mais uma vez, tratam-se de *nudes* desenhados, mas que, nessa ocasião, não são escaneados e tratados digitalmente: a interferência é realizada com o papel diretamente colocado à frente da tela iluminada de um notebook. Nesse contexto há encontro e desencontro entre corpos distantes e aproximados, entrelaçados e afastados, através da luz e das linhas, em indeterminação primeira e dialogismo segundo: poses e ângulos são previamente definidos, fotografados e desenhados à caneta antes que se saiba o desenho digital que virá por baixo. Assim, um corpo primeiro jamais sabe o que vai encontrar do segundo até que o encontro ocorra efetivamente – em relação assimétrica. Eis a primeira intervenção de setenta e duas que estão por vir (fig. 14):

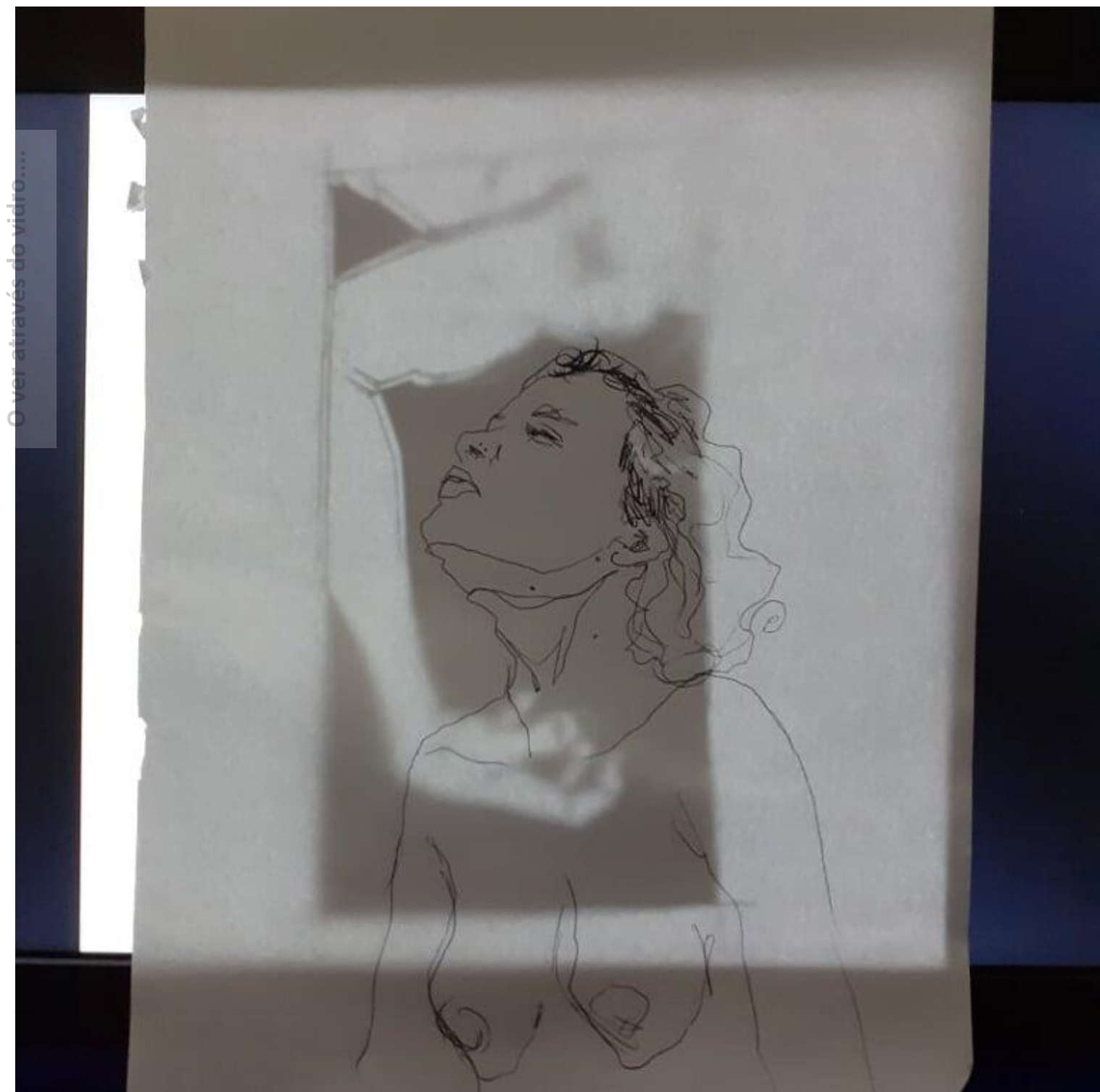


Figura 14 - Intervenção de Bruna Mazzotti na série *Micro_transa_ção* de José Loures.
Caneta esferográfica e papel a5 sobre desenho digital, 2020.
Fonte: Acervo dos autores.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Elogio da profanação. In: Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. *O ato de criação. In: O fogo e o relato: ensaio sobre criação, escrita, arte e livros*. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 59-81.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço. In: PESSANHA, José Américo Motta (Org.). Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

GOBIRA, Pablo. *Arte, corpo e máquina: jogos digitais, sociedade do espetáculo e sex appeal do inorgânico*. In: SILVA, Rogério Barbosa da; GOBIRA, Pablo; MARINHO, Francisco. (Org.). *Múltiplas interfaces: livros digitais, criação artística e reflexões contemporâneas*. Belo Horizonte: Scriptum, 2018.

HALL, Stuart. *The spectacle of the "other". In: Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. Londres: Sage, 1997.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. *A Agonia do Eros*. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

HELLER, Eva. *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*. São Paulo: G. Gili, 2012.

MAKUCH, Eddie. *Activision Blizzard Made \$1.2 Billion from Microtransactions in just three monts*. Gamespot, 2020. Disponível em: <<https://www.gamespot.com/articles/activision-blizzard-made-12-billion-from-microtransactions-in-just-three-months/1100-6483985/>>. Acesso em 02. nov. 2020.

MATURANA, Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

NICHOLS, Sallie. *Jung e o Tarô: uma jornada arquetípica*. São Paulo: Cultrix, 2007.

